



B1

ISSN: 2595-1661

ARTIGO DE REVISÃO

Listas de conteúdos disponíveis em [Portal de Periódicos CAPES](#)

Revista JRG de Estudos Acadêmicos

Página da revista:

<https://revistajrg.com/index.php/jrg>



Os serviços de saúde frente aos corpos trans: uma revisão integrativa

Health services for trans bodies: an integrative review

DOI: 10.55892/jrg.v8i18.2014

ARK: 57118/JRG.v8i18.2014

Recebido: 11/04/2024 | Aceito: 23/04/2025 | Publicado *on-line*: 25/04/2025

Cleiton Veloso Silva ¹

<https://orcid.org/0000-0003-4831-7894>

<http://lattes.cnpq.br/000000000000000000>

Centro Universitário de Ciências e Tecnologias do Maranhão-UNIFACEMA, MA, Brasil

E-mail: cleitonveloso03@gmail.com

Cleber Gomes da Costa Silva ²

<https://orcid.org/0000-0001-6418-2294>

<http://lattes.cnpq.br/1592643306285141>

Centro Universitário de Ciências e Tecnologias do Maranhão-UNIFACEMA, MA, Brasil

E-mail: klebbehgomez@gmail.com

Camilla Lohanny Azevedo Viana ³

<https://orcid.org/0000-0002-4529-3607>

<https://lattes.cnpq.br/8642249782286165>

Centro Universitário de Ciências e Tecnologias do Maranhão-UNIFACEMA, MA, Brasil

E-mail: Camillalohanny@mail.com

Lara Beatriz Almeida de Sousa ⁴

<https://orcid.org/0000-0002-4284-7328>

<http://lattes.cnpq.br/7989373819571182>

Centro Universitário de Ciências e Tecnologias do Maranhão-UNIFACEMA, MA, Brasil

E-mail: laarabeatriz@gmail.com

Lucas José Miranda Gomes ⁵

<https://orcid.org/0000-0002-1707-516X>

<http://lattes.cnpq.br/1187040020771011>

Centro Universitário de Ciências e Tecnologias do Maranhão-UNIFACEMA, MA, Brasil

E-mail: lucajose@gmail.com

Rodolfo Ritchelle Lima dos Santos ⁶

<https://orcid.org/0000-0002-4529-3607>

<http://lattes.cnpq.br/8295495634814963>

Centro Universitário de Ciências e Tecnologias do Maranhão-UNIFACEMA, MA, Brasil

E-mail: rodolforitchelle@gmail.com



¹ Enfermeiro pelo centro universitário de ciências e tecnologia do Maranhão-UNIFACEMA.

² Enfermeiro pelo centro universitário de ciências e tecnologia do Maranhão-UNIFACEMA.

³ Enfermeira pelo centro universitário de ciências tecnologia do Maranhão-UNIFACEMA.

⁴ Enfermeiro pelo centro universitário de ciências e tecnologia do Maranhão-UNIFACEMA

⁵ Enfermeiro pelo centro universitário de ciências e tecnologia do Maranhão-UNIFACEMA.

⁶ Farmacêutico e Mestre pela Universidade Federal do Piauí-UFPI

Resumo

Introdução: A comunidade trans, na busca por visibilidade e direitos vem conquistando seu espaço ao longo dos anos, porém são expostas a índices alarmantes de preconceitos para ter acesso aos serviços de saúde para poder afirmar seu gênero. **Objetivo:** Este estudo objetivou compreender os desafios enfrentados pelas pessoas trans na busca pelos serviços de saúde adequados para o processo de transição de gênero. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura especializada de caráter qualitativo pautada na seguinte questão norteadora: “Quais desafios enfrentados pela população trans que buscam os serviços de saúde para transição de gênero?”. Consultou-se bases de dados PubMed da National Library of Medicine, BIREME e SciELO e utilizou-se estudos disponíveis em sua totalidade publicados nos anos de 2018 até 2023, nos idiomas português, espanhol e inglês. **Resultados e discussão:** Dez estudos foram incluídos nesta revisão e estes evidenciaram que na busca por serviços de saúde para o processo de transição de gênero, as principais barreiras enfrentadas pelo público trans são escassez de serviços e profissionais especializados em saúde trans, os preconceitos no atendimento de saúde, omissão de direitos, desconhecimento e despreparo dos profissionais acerca das demandas de saúde das pessoas trans, além de causar evasão dessa população no sistema de saúde. **Conclusão:** evidente que ainda há poucos serviços que forneçam uma atenção qualificada para as pessoas trans que almejam iniciar a transição de gênero e o processo transexualizador não dá uma resposta suficiente para os cuidados dessa população.

Palavras-chave: LGBTQIAP+; Transexualidade; Serviços de Saúde; Enfermagem.

Abstract

Introduction: The trans community, in the search for visibility and rights, has been gaining ground over the years, however, they are exposed to alarming rates of prejudice in accessing health services in order to affirm their gender. **Objective:** This study aimed to understand the challenges faced by trans people in the search for adequate health services for the gender transition process. **Methodology:** This is an integrative review of specialized literature of a qualitative nature based on the following guiding question: “What challenges are faced by the trans population who seek health services for gender transition?”. PubMed databases from the National Library of Medicine, BIREME and SciELO were consulted and studies available in their entirety published in the years 2018 to 2023, in Portuguese, Spanish and English, were used. **Results and discussion:** Ten studies were included in this review and these showed that in the search for health services for the gender transition process, the main barriers faced by the trans public are the lack of services and professionals specialized in trans health, prejudices in care of health, omission of rights, lack of knowledge and unpreparedness of professionals regarding the health demands of trans people, in addition to causing this population to evade the health system. **Conclusion:** it is clear that there are still few services that provide qualified care for trans people who wish to begin their gender transition and the transsexualization process does not provide a sufficient response to the care of this population.

Keywords: LGBTQIAP+; Transsexuality; Health services; Nursing.

1. Introdução

Ao longo dos anos, julgava-se que o sexo biológico, o qual é determinado pelas características sexuais primárias e atribuído ao nascimento, determinava a construção do gênero, sendo o causador dos comportamentos e desenvolvimento dos binários tidos como masculinos e femininos. Até os dias atuais ainda são evidenciadas ideias conflitantes sobre sexo e gênero, trazendo muitas questões a serem sanadas sobre esses termos. Diante disso, é importante ressaltar que pertencer, em relação ao sexo anatômico dos polos masculino e feminino, não irá definir a identidade de gênero (Okano, 2022).

Mundialmente, o Brasil é o país que mais mata transexuais e travestis, segundo o Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020. Ao longo dos anos a transexualidade é estigmatizada, assim como as identidades de gênero que foge da cisgeneridade, sendo atribuídas ao sentido de patologização. No entanto, atualmente ainda se percebe o estigma patológico associado à transexualidade, mesmo sendo removida da lista de distúrbios mentais e classificada em uma nova classe de “saúde sexual” (Benevides; Nogueira, 2020; Stack, 2020).

É notório o contexto de marginalização social referente às pessoas transexuais e travestis. Os serviços de saúde também refletem este cenário pois, mesmo no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), embora este traga avanços nas suas diretrizes, quando se trata dos princípios da universalização e equidade, tal desenvolvimento não se expande equitativamente para todos os grupos sociais. Desse modo, assim como mostram os movimentos sociais, os membros desse grupo apresentam-se insatisfeitos, principalmente quando não são tratados pelo nome social, tendo ainda dificuldade no acesso aos serviços, devido à discriminação pela falta de preparo das equipes de saúde (Lucena *et al.*, 2022).

A escassez de serviços de saúde e de uma assistência acolhedora por parte dos profissionais no sistema público de saúde conduz a população trans à exposição de riscos maiores de adoecimento por causas distintas. Entre as motivações, pode-se destacar o acesso e o uso de hormônios sem acompanhamento profissional e os meios de mudanças corporais fora do sistema de saúde formal (Hernández *et al.*, 2022).

O tratamento hormonal é umas das possibilidades usadas como parte das modificações corporais almejada pelas pessoas trans para sua afirmação de gênero, com o propósito de diminuir as características fenotípicas atribuídas biologicamente e estimular as características fenotípicas de sua identidade de gênero. Essa súbita vontade por essas mudanças corporais leva a ações que colocam em risco a saúde dessa população, visto os obstáculos de encontrar profissionais da saúde especializados que atendam às suas necessidades (Silva *et al.*, 2022).

Entende-se como possíveis fatores protetivos para população trans a compreensão da diversidade em relação as possibilidades de expressão do desejo e da subjetividade, rejeitar a classificação da psiquiatria das vivências desse grupo, respeito ao nome social, garantias de acesso aos serviços em tempo hábil, ter o registro civil em concordância com sua identidade de gênero, educação continuada das equipes de saúde direcionadas ao atendimento humanizado das pessoas trans, articulação entre os níveis de atenção à saúde e aplicação de recursos para execução das ações de saúde (Rocon *et al.*, 2020).

Também é válido ressaltar que a medicina privada no Brasil ainda não está preparada para atender a população trans. Embora o SUS tenha poucos centros de atendimento especializados, ainda se encontra mais capacitado em atender esse

grupo do que a rede privada, posto que se nota a falta de experiência e conhecimento científico em muitos profissionais que atuam no setor privado. As orientações de conduta profissional devem abarcar todos os funcionários que trabalham na área da saúde, sendo necessário que todos estejam habilitados ao atendimento, agindo de maneira respeitosa e acolhedora (Chrisostomo *et al.*, 2021).

Mediante o contexto de vulnerabilidades vividas pelas pessoas trans, é demandado que a enfermagem obtenha conhecimentos e desenvolva práticas responsivas a esta situação, demonstrando a importância da enfermagem no envolvimento com essas questões, pois é uma categoria que está em constante contato com os pacientes e que tem uma presença abundante nos serviços de saúde, realizando uma assistência ética e eficiente, contribuindo para formação de saberes e práticas para atender esse público com respeito e empatia com suas singularidades e plenitude de vida (Rosa *et al.*, 2019).

2. Metodologia

Realizou-se uma pesquisa bibliográfica, do tipo revisão integrativa, com abordagem qualitativa do tipo descritiva-exploratória. Fundamentada em uma análise integrativa, estruturada e qualificada. A escolha desse procedimento se baseia por possibilitar a síntese e análise sobre embasamento científico já existentes sobre o tema “OS SERVIÇOS DE SAÚDE FRENTE AOS CORPOS TRANS: uma revisão integrativa”.

A pesquisa do tipo revisão integrativa requer uma grande exigência de sistematização, um dos seus objetivos é resumir e mapear o conhecimento em uma área específica, busca avançar na análise, integrando as evidências e os resultados dos estudos analisados, integra estudos que empregam não somente dados quantitativos, mas também utilizam dados qualitativos, experimentais e não experimentais, empíricos e teóricos, que empreguem uma gama de métodos e, também, pode ser utilizada para conduzir as análises, uma diversidade de metodologias e também paradigmas (Mattar; Ramos, 2021).

Figura 1: Etapas de construção de uma revisão integrativa.



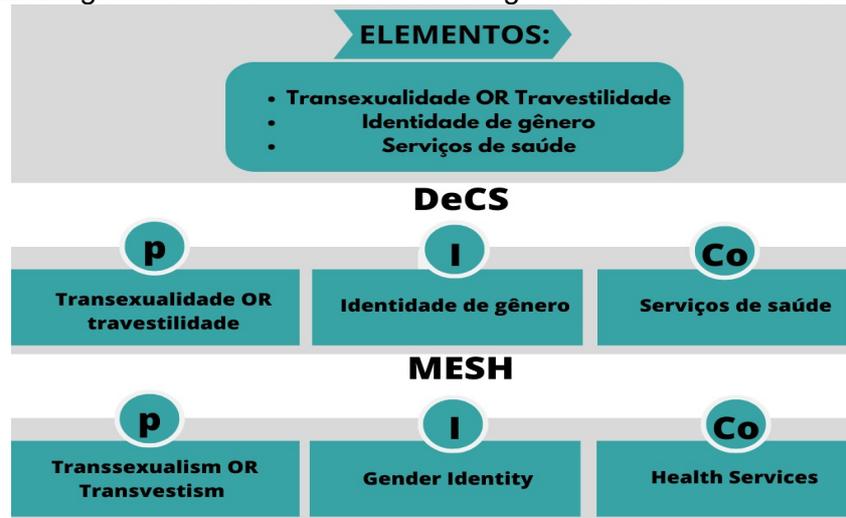
Fonte: Adaptado de Mendes; Silveira; Galvão, 2019.

A pesquisa qualitativa pondera que existe uma associação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, ou seja, a existência de um elo inseparável entre a subjetividade e o mundo objetivo, então sua tradução não pode ser em números. Sendo assim, isenta-se da utilização de métodos e técnicas estatísticas. No processo

da pesquisa qualitativa a interpretação dos fenômenos é básica, assim como a interpretação de significados, os porquês da pesquisa.

A temática “OS SERVIÇOS DE SAÚDE FRENTE AOS CORPOS TRANS: uma revisão integrativa”, determinou a construção da estratégia PICO, que representa um acrônimo para Paciente (P), Interesse (I), Contexto (Co), na qual foi utilizada para a geração da questão norteadora desta revisão da literatura: “Quais desafios enfrentados pela população trans que buscam os serviços de saúde para transição de gênero?”

Figura 2: Diagrama dos elementos da estratégia PICO e descritores utilizados.



Fonte: Autores.,2023

Para a localização dos estudos relevantes, que respondessem à questão da pesquisa, utilizou-se de descritores indexados nos idiomas português, inglês e espanhol. Os descritores foram obtidos a partir dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCs) e Medical Subject Headings (MESH), como mostra a figura 02.

Dessa forma, os termos usados durante a pesquisa foram classificados e combinados nos bancos de dados, resultando em estratégias específicas de cada base, como mostra o quadro 01.

Quadro 1 – Estratégia de busca utilizadas nas bases de dados BIREME, PUBMED e SciELO.

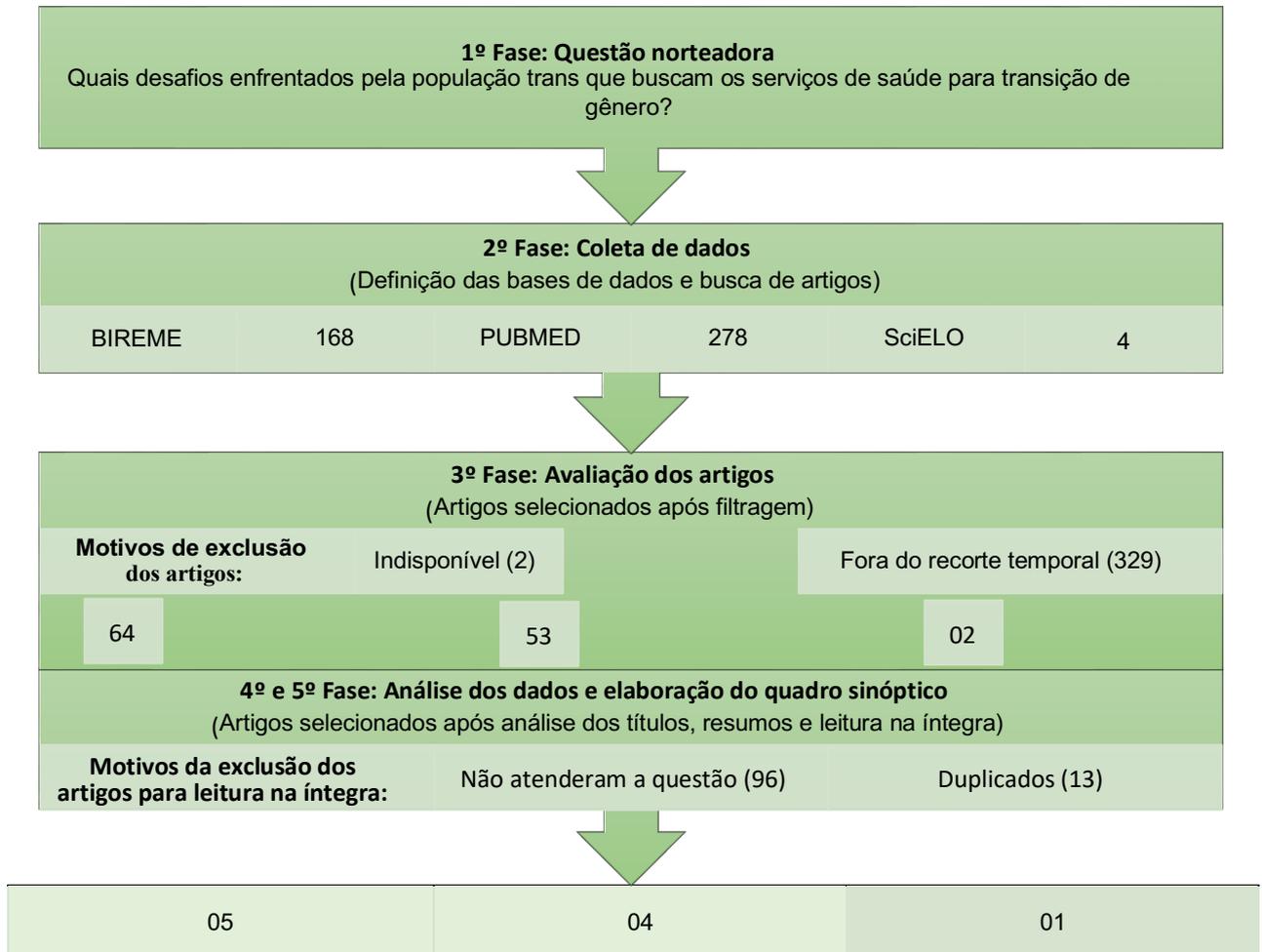
BASE DE DADOS	ESTRATÉGIA DE BUSCA	R E S U L T A D O S	F I L T R A D O S	E X C L U Í D O S	S E L E C I O N A D O S

BIREME (descritores DeCS)	(transexualidade OR travestilidade) AND (identidade de gênero) AND (serviços de saúde) AND (fulltext:"1") AND la:("en" OR "pt" OR "es")) AND (year_cluster:[2018 TO 2023])	168	64	59	05
PUBMED (descritores MeSH)	((Transsexualism OR Transvestism) AND (Gender Identity)) AND (Health Services)	278	53	49	04
SciELO (descritores MeSH)	AND (Transexualidade OR travestilidade) AND (Identidade de de gênero) AND (Serviços de saúde)	04	02	01	01

Fonte: Bases de dados BIREME, PUBMED e SciELO.

A análise para seleção dos estudos foi realizada em duas fases, a saber. Primeiramente, os estudos foram pré-selecionados segundo os critérios de inclusão e exclusão e de acordo com a estratégia de funcionamento e busca de cada base de dados, obtendo-se cento e sessenta e oito (168) estudos como busca geral na BVS, sendo que limitando a busca para artigos com textos completos e realizados nos últimos cinco anos obtiveram-se sessenta e quatro (64) estudos, destes foram analisados títulos e resumos onde apenas cinco (5) estudos foram condizentes com a questão desta pesquisa. Na base PUBMED, como busca total foram encontrados duzentos e setenta e oito (278) estudos, aplicando na pesquisa o filtro que limita por texto completo dos últimos cinco anos obteve-se cinquenta e três (53) estudos, destes foram analisados títulos e resumos e teve como resultado final quatro (4) estudos. Na SciELO foram obtidos quatro (4) estudos como busca geral, sendo que limitando a busca para textos completos e publicados nos últimos cinco anos, obteve-se (2) estudos, sendo que um (1) foi condizente com a questão desta pesquisa após a análise dos títulos e resumos. Na segunda fase os estudos foram analisados quanto ao potencial de participação no estudo, avaliando o atendimento à questão de pesquisa, assim como o tipo de investigação, objetivos, amostra, método, desfechos, resultados e conclusão resultando em dez (10) artigos. questão desta revisão, fornecendo um quantitativo final de seis estudos.

Figura 3 - Fluxograma do processo de seleção dos estudos para a revisão Integrativa.



Fonte: Autores, 2023

Para realização da categorização dos estudos selecionados, utilizou-se um instrumento denominado de matriz de síntese ou matriz de análise, que permitiu analisar separadamente cada artigo, extrair e organizar os dados tanto num nível metodológico quanto em relação aos resultados das pesquisas. Tal instrumento possibilitou a síntese dos artigos, salvaguardando suas diferenças, criando categorias analíticas que facilitaram a ordenação e sumarização de cada estudo. Nesta etapa analisou-se as informações coletadas nos artigos científicos e criaram-se categorias analíticas que facilitaram a ordenação e a sumarização de cada estudo. Essa categorização foi realizada de forma descritiva, indicando os dados mais relevantes para o estudo.

3. Resultados e Discussão

Os estudos analisados demonstram que os principais desafios foram: processos discriminatórios vivenciados pelas pessoas trans nos serviços de saúde frente às suas necessidades para mudanças corporais, destacando o despreparo e falta de conhecimento dos profissionais de saúde até mesmo nos centros especializados que atendem essa população, aumentando os quadros de agravos a saúde e desencadeando inúmeras barreiras na busca por cuidados (Oliveira *et al.*, 2022; Janini *et al.*, 2019).

Já outros estudos ressaltam que o uso de hormônio é uma das primeiras alternativas para mudança corporal almejada pelas pessoas trans, principalmente os homens trans e relatam a automedicação por mulheres trans e travestis, decorrente das barreiras no acesso aos serviços, pela falta de insumos de saúde, omissão de sua existência, discriminação, estigmatização e um cenário político que não atende suas necessidades (Krüger *et al.*, 2019; Carrara; Giami, 2019).

A falta de informações e qualificações dos profissionais acerca das necessidades de saúde dos usuários trans para atender e acolher esse público, gera maus-tratos e discriminação. As demandas das pessoas trans no sistema público e privado de saúde, ao qual foi evidenciado que a transição de gênero é uma das necessidades que tem conduzido as ações públicas a esse grupo e citam o processo transexualizador como meio seguro para o acesso a hormônios e cirurgia de redesignação sexual (Reisner *et al.*, 2021; Rigolon *et al.*, 2020; Monteiro; Brigeiro, 2019).

Em sua maioria, os estudos retratam experiências negativas nos serviços de saúde pelos usuários trans, pelo despreparo dos profissionais de saúde, tendo suas necessidades médicas de afirmação de gênero não atendidas. Foram apresentadas as principais dificuldades por esse público ao utilizarem os serviços de saúde, os pontos que corroboram para fragmentação dessa comunidade em atendimentos de saúde como as iniquidades no acompanhamento e desafios vivenciados por esse público, como mostra o quadro 2 abaixo:

Quadro 2: Publicações incluídas segundo o título do artigo, autor, objetivo principal, perfil amostral, perfil de gênero.

Nº DE ORDEM E BASE	TÍTULO DO ARTIGO	AUTORES	OBJETIVO PRINCIPAL	PERFIL AMOSTRAL/IDENTIDADE DE GÊNERO	DESFECHO
1 BIREME	Processo transexualizador no sus: questões para a psicologia a partir de itinerários terapêuticos e despatologização	Cazeiro et al. (2022).	Levantar reflexões sobre os itinerários terapêuticos de pessoas trans, na busca pelo Processo Transexualizador	Participaram três homens trans, duas mulheres trans e uma mulher travesti, com faixa etária de 21 a 32 anos.	Todas/os as/os participantes da pesquisa relataram que, desde a infância, tiveram dificuldades no processo de transição do gênero, por conta da falta de apoio e reconhecimento da sociedade, representada pela carência dos núcleos familiares, interpessoais, políticos, instituições formais e informais, acrescidos das violências transfóbicas e de gênero que se fazem presentes.

<p>2 BIREME</p>	<p>Itinerários terapêuticos de homens trans em transição de gênero</p>	<p>Mattos; Zambenedetti (2021).</p>	<p>Compreender os itinerários terapêuticos de homens trans, analisando as relações com os sistemas formais e informais em saúde.</p>	<p>Os participantes da pesquisa são quatro (4) homens transexuais que estão em processo ou tinham interesse em dar início ao processo transexualizador.</p>	<p>Ao analisar as trajetórias percorridas pelos participantes, pode-se perceber diferenças, mesmo entre os que optaram por procurar o Sistema Único de Saúde (SUS) para dar início à transição de gênero. O estigma, como operador de discursos e práticas, interfere na vida dos participantes, perpassando a disponibilidade e acessibilidade dos/nos serviços de saúde</p>
<p>3 BIREME</p>	<p>Body construction and health itineraries: a survey among <i>travestis</i> and trans people in Rio de Janeiro, Brazil.</p>	<p>Carrara; Giami (2019).</p>	<p>Conhecer o perfil sociodemográfico dessa população, bem como compreender (i) seus mecanismos de acesso aos serviços de saúde disponíveis, especialmente modificações corporais e tecnologias de detecção e prevenção de HIV/Aids.</p>	<p>Pessoas trans e travestis, aplicaram 391 questionário na cidade do Rio de Janeiro e região metropolitana a entrevistados de diferentes classes sociais, níveis de escolaridade e configuração identitária de gênero.</p>	<p>Os dados aqui apresentados revelam as diferentes atitudes, práticas e itinerários de saúde relacionados às tecnologias de modificação corporal expressas por mulheres, mulheres trans, travestis, homens, homens trans e pessoas não binárias.</p>
<p>4 BIREME</p>	<p>Characteristics of hormone use by travestis and transgender women of the Brazilian Federal District</p>	<p>Krüger et al. (2019).</p>	<p>Descrever a prevalência autorrelatada do uso de hormônios por travestis e mulheres transexuais do Distrito Federal e fatores associados.</p>	<p>201 travestis e mulheres transexuais maiores de 18 anos, vinculadas ao Distrito Federal.</p>	<p>O estudo contou com uma amostra jovem, que iniciou sua transição do gênero masculino para o feminino também precocemente, em média aos 18 anos. Quanto ao tipo de hormônio utilizado, o mais frequente foi a combinação, na mesma formulação, de um estrogênio e um progestágeno, nas formas</p>

					injetável e em comprimidos, respectivamente.
5 BIREME	The epistemological construction of transsexuality: the science, nursing and common sense.	Janini et al. (2019).	Conhecer o senso comum de mulheres transexuais em reação ao processo transexualizador e discutir a construção epistemológica acerca da transexualidade e da enfermagem nesse processo.	A amostragem qualitativa adotada no estudo foi intencional, constituída por 90 mulheres transexuais que foram consultadas no período de maio a junho de 2017.	A maioria das mulheres entrevistadas mencionam angústia (n=32) e descontentamento (n=56) pela demora da cirurgia e se sentem comprometidas no que tange à sua vivência plena como mulher.
6 PUBMED	Experiências de acesso de mulheres trans/ travestis aos serviços de saúde: avanços, limites e tensões.	Monteiro; Brigeiro (2019).	Analisar as experiências de acesso de mulheres trans/travestis aos serviços de saúde.	Foi realizada síntese narrativa de vinhetas e análise temática de entrevistas qualitativas em profundidade com vinte indivíduos trans.	Os achados do estudo sugerem que os serviços de saúde vêm se consolidando como uma instância legítima para o acesso de pessoas trans/travestis aos procedimentos para a transição de gênero. Todavia, sua efetivação depende de melhorias no funcionamento do SUS.
7 PUBMED	Accessing and utilising genderaffirming healthcare in England and Wales: trans and non-binary people's accounts of navigating gender identity clinics.	Wright et al. (2021).	Descrever as experiências de pessoas trans sobre o caminho e as experiências de cuidados de saúde com afirmação de gênero e identificar questões-chave e abordagens de melhores práticas.	Foi realizada síntese narrativa de vinhetas e análise temática de entrevistas qualitativas em profundidade com vinte indivíduos trans	Descrevemos as experiências positivas e negativas de pessoas trans tentando acessar cuidados de saúde de afirmação de gênero no Reino Unido. A maioria dos participantes trans relatou os GPs como seu primeiro ponto de contato em suas tentativas de acessar cuidados de saúde com afirmação de gênero.

<p>8 PUBMED D</p>	<p>“Existimos”: Health and social needs of transgender men in Lima, Peru</p>	<p>Rigolon et al. (2020).</p>	<p>Compreender as histórias de vida e os itinerários de travestis e transexuais nos serviços de saúde.</p>	<p>O estudo envolveu entrevistas com nove mulheres trans/travestis, de 23-45 anos, das camadas populares da Baixada Fluminense, Rio de Janeiro, Brasil, realizadas em 2016, e observações de contextos de prostituição e sociabilidade.</p>	<p>Além de todas as questões que dificultam ou até mesmo impedem o acesso de transexuais e travestis aos serviços de saúde, ainda existe a questão da disforia. Ela, para algumas pessoas, é muito forte.</p>
<p>9 PUBMED D</p>	<p>Avaliação de bebês com mães infectadas pelo HIV e transmissão perinatal na Turquia: uma experiência em um único centro</p>	<p>Reisner et al. (2021)</p>	<p>Aumentar a visibilidade, documentar e compreender as necessidades e contextos de saúde que moldam a saúde e o bem-estar de homens trans em Lima, Peru, para informar os esforços de saúde pública responsivos.</p>	<p>As fontes de coleta de dados foram entrevistas em profundidade, discussões de grupos focais e uma breve pesquisa. Foram realizadas quatro discussões em grupos focais com 8 a 10 participantes cada (n = 38 homens trans no total), complementadas com 10 entrevistas individuais (n = 10 homens trans) para explorar questões aprofundadas que surgiram dos grupos focais. Dois indivíduos participaram de um grupo focal e entrevista (total de participantes não duplicados N = 46 homens trans).</p>	<p>Os resultados demonstram que a saúde física e mental dos homens trans, bem como suas necessidades não atendidas de serviços de saúde, são influenciadas por um conjunto complexo de desafios sociais, econômicos e legais devido à exclusão social de pessoas trans na sociedade peruana. Sistemas multiníveis de opressão (ou seja, estigma, policiamento) e reconhecimento social limitado da identidade transgênero</p>
<p>10 SciELO</p>	<p>The experience of trans or transvestite women in accessing public health services</p>	<p>Oliveira et al. (2022).</p>	<p>Compreender os sentidos de ser mulher trans ou travesti nos atendimentos realizados por profissionais de saúde do SUS</p>	<p>Foram realizadas entrevistas com dez participantes, das quais seis se autodeclararam mulheres trans e quatro como travestis.</p>	<p>Os resultados demonstraram que os sentidos de ser mulher trans ou travesti frente aos atendimentos realizados por profissionais de saúde do SUS perpassam por fatores que interferem na sua assistência.</p>

Fonte: Autores, 2023.

Os resultados apontam que nem o sistema de saúde público e nem o privado dão respostas suficientes às necessidades de cuidados para pessoas trans, são encontradas inúmeras barreiras na busca por tecnologias em saúde para o processo de afirmação de gênero e cuidados voltados para a saúde de forma geral. Entretanto, nota-se um sistema cisheteronormativo construído em uma sociedade, em que tudo que foge dos padrões pré-estabelecidos de heterossexualidade e cisgeneridade é

considerado patológico. Desse modo, evidencia-se que até mesmo os serviços de saúde especializados para atender essa população apresenta-se falho(11-12-14-15-16-17-18-19-20), são considerados, na explanação dessa temática, os tipos de serviços acessados pelos usuários trans, dificuldades de acesso, entraves na assistência em saúde e principais desafios vivenciados no âmbito da saúde, conforme o quadro 3 abaixo:

Quadro 3- Distribuição dos artigos segundo tipo de serviços de saúde acessado pelos usuários trans, dificuldades enfrentadas no acesso, entraves na assistência em saúde e principais desafios vivenciados no âmbito da saúde.

AUTORES/ ANO	TIPOS DE SERVIÇO DE SAÚDE ACESSADO	DIFICULDADES DE ACESSO	ENTRAVES NA ASSISTÊNCIA EM SAÚDE	PRINCIPAIS DESAFIOS VIVENCIADOS NO ÂMBITO DA SAÚDE
A1 Cazeiro et al., 2022.	Processo transexualizador; Serviços particulares.	Todas(os) as(os) participantes relataram dificuldades de acesso ao processo transexualizador, as quais envolviam as complexidades e burocratizações do processo, local, recursos disponíveis, discriminações institucionais e falta de encaminhamento.	Barreira no atendimento, que já começa pela sua identificação, a qual desconsidera o nome social e o gênero identificado, além de se acentuarem olhares de desaprovação.	Cinco endocrinologistas, que procurou, recusaram atendimento, alegando que não entendiam desse procedimento e não queriam se envolver.
A2 Mattos; Zambenedetti , 2021.	Processo transexualizador no SUS; Unidade Básica de Saúde CAPS II Início da transição através do plano de saúde, fornecido pelo convênio da empresa.	As dificuldades encontradas pelo participante, no que tange às questões de acesso, estão relacionadas à burocracia e à demora do processo transexualizador, sobretudo no que se refere ao acesso aos medicamentos hormonais;	Nery traz episódios que expressam a discriminação e o desconhecimento de sua condição por parte dos profissionais; Constrangimentos vivenciados em relação ao desrespeito por parte de profissionais no uso do nome com o qual se reconhece.	Preconceito por médicos especialistas em endocrinologia; Estigma social; Discriminação; Resistência assistencial.
A3 Carrara; Giami, 2019.	Houve algumas diferenças importantes nas formas como os entrevistados acessaram os serviços de saúde. Para a	O fato de as pessoas trans terem recursos para utilizar os serviços privados de saúde não significa que suas dificuldades de	Os principais profissionais envolvidos no acompanhamento pós-operatório são cirurgiões e clínicos gerais.	Risco de adoecimento devido ao uso excessivo, descontrolado e não monitorado de hormônios e modificações corporais.

	cirurgia de mamoplastia de aumento, 42,1% das <i>mulheres, trans e travestis</i> que se submeteram ao procedimento recorreram a clínicas privadas brasileiras.	acesso à saúde tenham sido superadas, dadas as deficiências nos serviços de saúde prestados a essa população;		
A4 Krüger et al., 2019.	SUS	Os serviços de saúde, públicos e particulares, precisam ampliar o acesso de pessoas trans. Isso se traduz em aumento de número de serviços, descentralização do cuidado para outros pontos da rede de atenção à saúde e maior sensibilização dos profissionais.	Escassa orientação profissional sobre o uso de hormônios.	Esse panorama de cis-heteronormatividade e controle biopolítico dos corpos em serviços de saúde produz exclusão de determinadas identidades, pela visão binário-sexual hegemônica nas ciências biomédicas.
A5 Janini et al., 2019.	Processo transexualizador.	Demora para a cirurgia (n=84) e a necessidade de comprovação da transexualidade, dentro dos padrões apontados pela ciência (n=62); A dificuldade de atendimento em outras demandas de saúde não implementadas pelo Processo Transexualizador é referida por mais da metade das mulheres transexuais (57).	Ainda que haja aceitação das mulheres transexuais pelos profissionais de saúde, elas percebem que essa aceitação não será por completo, tendo em vista a visão patológica da transexualidade (n=40).	A maioria das mulheres entrevistadas mencionam angústia (n=32) e descontentamento (n=56) pela demora da cirurgia e se sentem comprometidas no que tange à sua vivência plena como mulher, já que o procedimento cirúrgico de transgenitalização, confecção de uma neovagina a partir do tecido peniano, fica na dependência laudatória do médico psiquiátrico; Patologização da transexualidade.
A6 Monteiro ;Brigeiro, 2019.	Processo transexualizador; Serviços particulares.	Filas, dificuldade de agendamento, excesso de burocracia, falhas na	Experiências de constrangimento pela não utilização do nome social por parte dos profissionais.	Embora reconheçam que os procedimentos para a transição de gênero sejam mais seguros quando administrados por profissionais de saúde,

		informação, não acolhimento e ausência de médicos foram situações evocadas para descrever as fragilidades no sistema e as razões para eventualmente desistirem do atendimento.	Estigma sobre transexuais e travestis, que são pessoas associadas, de imediato, a infecções sexualmente transmissíveis pelos profissionais de saúde.	algumas relataram problemas graves decorrentes de intervenções realizadas em serviços de saúde.
A7 Wright et al., 2021.	Clínicas de identidade de gênero (GICs); Atenção Primária; Serviços de saúde mental; - Serviço privado e especializado em saúde trans.	Alguns participantes relataram que obter um encaminhamento para serviços especializados em gênero foi repleto de dificuldades. A experiência de espera foi profundamente difícil para os participantes, ainda mais com a inação em relação aos encaminhamentos imediatos e oportunos aos GICs.	Experiências negativas foram percebidas como decorrentes da falta de conhecimento ou experiência dos médicos de cuidados primários em se envolver com pacientes trans.	Pressupostos normativos sobre a apresentação de gênero; Ultrapassar a barreira inicial de revelar a condição trans para alguém a um clínico geral pode levar muito tempo, e as primeiras tentativas podem ser prejudicadas por clínicos gerais que não têm experiência no tratamento de pacientes trans.
A8 Rigolon et al., 2020.	- SUS.	Questões de disforia, dificuldade de aceitar o próprio corpo ou parte dele, que impedem o acesso de travestis e transexuais à saúde e o sentimento de não precisar dos serviços; Sistema cis-heteronormativo, aquele pautado na ideia socialmente construída de que as existências consideradas normais são as cisgêneras e heterossexuais e tudo que foge a essa regra torna-se	Atendimento permeado por julgamentos, preconceitos e transfobia; Falta de preparo teórico e de discussões na formação dos profissionais de Saúde; A questão do nome social também emergiu nos relatos; apesar do direito reconhecido por lei, os profissionais ainda possuem dificuldades para compreender/efetivar esse cuidado e responsabilidade;	Evidencia-se a existência de profissionais, em geral médicos, como ginecologistas e endocrinologistas, que se recusam a atender transexuais e travestis.

		patológico.		
A9 Reisner et al., 2021.	Saúde pública no Peru.	Evitação e uso limitado de cuidados de saúde.	Discriminação na saúde, no geral, 69% dos participantes relataram sofrer discriminação ou maus-tratos por parte do pessoal de saúde em relação à sua identidade de gênero;	Os participantes relataram experiências de discriminação e maus-tratos de outras pessoas no ambiente de saúde, inclusive da recepção e pessoal administrativo (por exemplo, recepcionistas), pessoal de segurança e outros pacientes. Necessidades médicas de afirmação de gênero não atendidas; Falta de serviços de saúde mental.
A10 Oliveira et al., 2022.	Setor privado; Serviço de atenção especializada do SUS.	Recusa da prescrição dos Hormônios por profissionais médicos; Transfobia.	Despreparo dos profissionais de saúde para a harmonização; Revelam a necessidade de que os profissionais da saúde busquem ampliar seus conhecimentos para atender as demandas desse público, destacando a necessidade de profissionais especializados para a assistência.	Patologização da transexualidade/travestilidade na Unidade Básica de saúde; Resistência assistencial, preconceito por parte dos profissionais; Olhares preconceituosos por outros usuários com suposição de diagnóstico.

Fonte: Autores, 2023.

Quanto aos serviços de saúde oferecidos e acessados pelo público trans para transição de gênero, os 10 artigos (100%) discutiam sobre os tipos de serviços acessados, quatro (40%) retratam que essa população também recorre aos serviços particulares para questões voltadas ao processo de transição de gênero (Oliveira *et al.*, 2022; Mattos; Zambenedetti, 2021; Carrara; Giami, 2019; Cazeiro *et al.*, 2022), quatro (40%) citam o processo transexualizador como o principal serviço oferecido ao público trans no Brasil (MATTOS; ZAMBENEDETTE, 2021; JANINI *et al.*, 2019; Cazeiro *et al.*, 2022; Monteiro; Brigeiro, 2019).

Três (30%) discutem sobre o fato de a atenção primária ser a porta de entrada para o processo transexualizador e serviços de referências (WRIGHT *et al.*, 2021; Krüger *et al.*, 2019; Mattos; Zambenedetti, 2021), um (10%) cita o CAPS II para acompanhamento psicológico que é orientado pelo protocolo do processo transexualizador (Mattos; Zambenedette, 2021) e um (10%) trata sobre serviços privados e especializados em saúde trans, clínicas de identidade de gênero (GICs) e serviços de saúde mental (GICs) (Wright *et al.*, 2021).

De acordo com estudo de Mattos; Zambenedetti (2021) a falta do uso do nome social pelos profissionais de saúde causa um impacto negativo durante a assistência, gerando constrangimentos e levando essa a população a recorrer a outros meios para minimizar suas demandas de saúde.

Em sintonia com os achados, Oliveira et al. (2022), demonstram que o uso do nome social e a sua aceitação pelos profissionais são consideradas por mulheres trans e travestis como motivos primordiais para aceitar o ser feminino, assegurando respeito e prevenção de situações que causem desconforto e constrangimento ao usarem os serviços de saúde.

Desse modo, Janini et al. (2019) reforçam que essa aceitação das mulheres trans pelos profissionais de saúde não acontecem completamente, levando em consideração a patologização da transexualidade, tornando-se um agravante na assistência, configurada politicamente pelo processo transexualizador.

Assim, Marques filho et al. (2020) destacam em seus estudos que a patologização da transgeneridade, no processo de atendimento a travestis e transexuais, exige que essas pessoas provem ser verdadeiramente trans, dessa forma, precisam assemelhar-se ao mais próximo possível a um homem ou uma mulher cis considerados normais, que condiz aos estereótipos vigentes de gênero, assim como à heteronormatividade, descumprindo diretamente a dignidade da pessoa humana mediante seu acesso à saúde pública.

Diante do exposto de Reisner et al. (2021), os participantes dos estudos relatam usar os cuidados de saúde de forma limitada em virtude das experiências anteriores de maus-tratos e elevados níveis de falta de confiança em relação aos profissionais de saúde. Os participantes descreveram que sentiam desconforto com os profissionais da saúde, tornando-se uma barreira para o acesso aos serviços de saúde.

Segundo o estudo de Carrara; Giami (2019) o SUS oferece para a população trans hormônios e cirurgias de mudanças corporais para o processo de afirmação de gênero através do processo transexualizador, assim como os serviços privados também oferecem essas tecnologias. Em contrapartida, cabe ressaltar que embora algumas pessoas trans tenham recursos para usar os serviços privados de saúde, não quer dizer que as barreiras no acesso à saúde vivenciadas por essas pessoas tenham sido superadas.

Cazeiro et al. (2022) afirmam que as trajetórias percorridas pela população trans na procura por cuidados em saúde e também pelo processo transexualizador, mostram caminhos de serviços utilizados que vão desde os serviços de saúde de referência a vias informais, acessando também os serviços privados.

4. Conclusão

Este estudo permitiu compreender as barreiras relacionadas aos caminhos percorridos pelos usuários trans dentro do sistema de saúde, os principais desafios na busca por serviços que atendam suas demandas, principalmente no que tange à transição de gênero. Mostrou-se que a discriminação e falta de preparo dos profissionais de saúde são fatores que interferem diretamente em uma assistência qualificada e no distanciamento desses serviços, além do preconceito e omissão de direitos, observa-se a invisibilidade dessas pessoas nos serviços de saúde que ainda é pautado em um sistema cisheteronormativo que ainda trata essas identidades como patologia.

Nota-se que apesar de avanços, ainda existe um déficit muito grande de profissionais capacitados e serviços de saúde adequados para atender as particularidades de uma população, até então marginalizada e que tem sua existência invalidada. É inegável que esses desafios precisam ser superados para mudar um cenário de adoecimento causado pela busca de cuidados por vias informais para poder afirmar e expressar suas identidades. As limitações encontradas foram a baixa

quantidade de estudos que tratavam da assistência de enfermagem a respeito de cuidados voltados para transição de gênero. É válido ressaltar que nos itinerários desse público a maioria dos profissionais citados foram médicos e psicólogos.

O presente estudo contribui para orientar tanto os profissionais de saúde quanto a comunidade trans a respeito das necessidades de mudanças desses caminhos, visto que é necessária a ampliação de políticas públicas de atenção à saúde, assim como a necessidade de discussão e mudanças das grades curriculares na formação desses profissionais. Torna-se relevante para a enfermagem uma vez que é a categoria que está em constante contato com o paciente em diversas etapas do processo saúde-doença. Cabe ao serviço de enfermagem ampliar conhecimentos acerca do acolhimento, encaminhamentos, orientações acerca dos cuidados relativos a procedimentos do processo transexualizador e pode atuar na identificação de novos indicadores de saúde e adoecimento com base na realidade desse público.

Referências

ALMEIDA, Fayllane Araujo et al. A dificuldade de acesso de usuários (as) do processo transexualizador aos serviços de hormonioterapia. In: **Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais 2019**. 2019. Disponível em:<<https://broseguini.bonino.com.br/ojs/index.php/CBAS/article/view/1510>>. Acesso em: 10 de set. 2022.

BENEVIDES, Bruna G.; NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfim. Assassinatos e violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020. **São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE**, 2021. Disponível em:<<http://www5.tjba.jus.br/portal/wp-content/uploads/2021/05/dossie-trans-2021-29jan2021-1.pdf>>. Acesso em: 10 de set. 2022.

CARRARA, S. et al.. Body construction and health itineraries: a survey among travestis and trans people in Rio de Janeiro, Brazil. **Cadernos de Saúde Pública**, v.35, n. 4, p. e00110618, 2019. Disponível em:<<https://www.scielo.br/j/csp/a/nhxFFZVTg6hW6rjFDNKVpCH/?lang=en#>> Acesso em: 23 de abril 2023.

CAZEIRO, Felipe et al. PROCESSO TRANSEXUALIZADOR NO SUS: QUESTÕES PARA A PSICOLOGIA A PARTIR DE ITINERÁRIOS TERAPÊUTICOS E DESPATOLOGIZAÇÃO. **Psicologia em Estudo [online]**. 2022, v. 27 [Acessado 26 Setembro 2022], e48503. Disponível em:<<https://doi.org/10.4025/psicoestud.v27i0.48503>>.

CHRISOSTOMO, Kadija Rahal et al. O que o profissional da saúde precisa saber a respeito do atendimento às pessoas transexuais ou transgênero. **Medicina (Ribeirão Preto)**, v. 54, n. 4, 2021. Disponível em:<<https://www.revistas.usp.br/rmrp/article/view/180051>>. Acesso em: 16 de set. 2022.

HERNÁNDEZ, Jimena de Garay et al. Saúde de travestis e pessoas trans no Rio de Janeiro e Região Metropolitana: estratégias e condições de acesso. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, n. 38, e22301, 2022. Disponível

em:<<https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2022.38.e22301>>. Acesso em: 26 de set. 2022.

JANINI, J. P. et al.. The epistemological construction of transsexuality: the science, nursing and common sense. **Escola Anna Nery**, v. 23, n. 3, p. e20180345, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/PQkcTM5R6kTrQwwKmfGGDzt/abstract/?lang=pt#> Acesso em: 23 de abril 2023

KRÜGER, A. et al.. Characteristics of hormone use by travestis and transgender women of the Brazilian Federal District. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 22, p. e190004, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepid/a/9Cshmsw95pNmdmGtxMZcqYc/abstract/?lang=pt#> Acesso em: 23 de abril 2023.

LUCENA, Marcelle Medeiros; Et Al. Serviços de atendimento integral à saúde de transexuais e travestis no Sistema Único de Saúde: uma revisão integrativa. **Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade**, v. 17, n. 44, p. 2964-2964, 2022. Disponível em:<<https://rbmfc.org.br/rbmfc/article/view/2964>>. Acesso em: 26 de set. 2022.

MARQUES FILHO, Elvis Gomes et al. Direito à saúde de pessoas trans e travestis: uma analogia das políticas públicas do Brasil e Argentina. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 9, p. e610997796-e610997796, 2020. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/7796>>. Acesso em: 26 de set. 2023.

MATTAR, João; RAMOS, Daniela Karine. **Metodologia da pesquisa em educação: abordagens qualitativas, quantitativas e mistas**. Grupo Almedina, 2021. Disponível em:<<https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=tF49EAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT19&dq=Metodologia+da+pesquisa+em+educa%C3%A7%C3%A3o:+abordagens+qualitativas,+quantitativas+e+mistas.+&ots=THH8z-P7E0&sig=SJtDPTkVoyOHJE5tdLD4zdrz4I>>. Acesso em: 10 de maio 2023.

MATTOS, Mario Henrique de; ZAMBENEDETTI, Gustavo. ITINERÁRIOS TERAPÊUTICOS DE HOMENS TRANS EM TRANSIÇÃO DE GÊNERO. **Psicologia & Sociedade**, v. 33, e240732, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2021v33240732> Acesso em: 23 de abril 2023.

MONTEIRO, Simone; BRIGEIRO, Mauro. Experiências de acesso de mulheres trans/travestis aos serviços de saúde: avanços, limites e tensões. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 35, 2019. Disponível em:<<https://www.scielo.br/j/csp/a/7Smzr3QL4tfwZvqyKtysgt/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 23 de abril 2023.

MONTEIRO, Simone; BRIGEIRO, Mauro; BARBOSA, Regina Maria. Saúde e direitos da população trans. **Cadernos de saúde publica**, v. 35, p. e00047119, 2019. Disponível em:<<https://www.scielo.org/article/csp/2019.v35n4/e00047119/pt/>>. Acesso

em: 26de set. 2022.

OKANO, Sérgio Henrique Pires. Cuidados integrais à população trans: o que cabe ao atendimento na atenção primária à saúde (APS)? **BEPA. Boletim Epidemiológico Paulista**, v. 19, p. 1-40, 2022. Disponível em: <<http://periodicos.saude.sp.gov.br/index.php/BEPA182/article/view/37729>>. Acesso em: 18 de set. 2022.

OLIVEIRA, Ester Mascarenhas et al. Espaços institucionais de saúde como “não lugar” de travestis nas representações sociais de enfermeiras. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 34, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/35603>>. Acesso em 20 de set. 2022.

REISNER SL, et al.. "Existimos": Health and social needs of transgender men in Lima, Peru. *PLoS One*. 2021 v.2; n.16:e0254494, 2021. Disponível em: . Acesso em: 23 de abril 2023.

RIGOLON, Mariana et al. “A saúde não discute corpos trans”: História Oral de transexuais e travestis. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 73, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/reben/a/x58YbB45vmkKFqh8zyhCCLC/abstract/?lang=pt#>> Acesso em: 23 de abril 2023.

ROCON, Pablo Cardozo et al. Vidas após a cirurgia de redesignação sexual: sentidos produzidos para gênero e transexualidade. **Ciência & saúde coletiva**, v. 25, p. 2347-2356, 2020. Disponível em: <<https://www.scielosp.org/article/csc/2020.v25n6/2347-2356/pt/>>. Acesso em 18de set. 2022.

ROSA, Danilo Fagundes et al. Assistência de Enfermagem à população trans: gêneros na perspectiva da prática profissional. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 72, p. 299-306, 2019. Disponível em: **Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)**, n. 38, e22300, 2022b. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2022.38.e22300.a>>. Acesso em: 10 de set. 2022.

SILVA, Aureliano Lopes da; et al. Apresentação - Estratégias e condições de acesso ao direito à saúde de pessoas trans e travestis no Brasil e na América Latina. <<https://www.scielo.br/j/reben/a/J8GsdDH6ZKb96b8DfdXQfbF/?lang=pt&format=html>> . Acesso em: 10 de set. 2022.

WRIGHT, Talen et al. Accessing and utilising gender-affirming healthcare in England and Wales: trans and non-binary people’s accounts of navigating gender identity clinics. **BMC health services research**, v. 21, p. 1-11, 2021. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1186/s12913-021-06661-4>>. Acesso em: 23 de abril 2023